



Arqshoah: espaço virtual de memória e educação sobre os direitos humanos

Arqshoah: A Virtual Space For Memory And Human Rights Education

Carol Colffield Lopez*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

ccolffield@usp.br

Resumo: Neste artigo, reconstituímos a proposta e a trajetória do Arquivo Virtual sobre o Holocausto e Antissemitismo, *Arqshoah*, e sua simbiose com iniciativas cujo objetivo é a educação sobre os direitos humanos. Tendo como eixo central os testemunhos dos refugiados do nazifascismo e dos sobreviventes do Holocausto radicados no Brasil ou que tiveram o país como uma das etapas de sua travessia, o *Arqshoah*, nos papéis de guardião da coleção que abriga, de produtor de um acervo de história oral que resgata as vozes dos protagonistas do evento e de catalisador de iniciativas em educação, constitui uma referência para todos aqueles que queiram aprofundar-se no conhecimento da história desse período e também para os agentes comprometidos com o desenvolvimento de uma cultura voltada à paz.

Palavras-chave: *Arqshoah*. Holocausto. Refugiados judeus.

Abstract: In this article, we reconstitute the proposal and the trajectory of the Virtual Archive on the Holocaust and Antisemitism, *Arqshoah*, and its symbiosis with initiatives aimed at human rights education. Having as its central axis the testimonies of refugees of Nazi-fascism and of Holocaust survivors living in Brazil or who had the country as one of the stages of their crossing, the *Arqshoah*, as a guardian of the collection that it houses, a producer of an archive of oral history, and a catalyst for initiatives on human rights education is a reference not only for those who wish to deepen their knowledge on the history of that period, but also for any agent committed to the development of a culture of peace.

Keywords: *Arqshoah*. Holocaust. Jewish Refugees.

Introdução

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (LEER-USP) e bolsista do Projeto Vozes do Holocausto, desenvolvido junto ao Núcleo de Estudos *Arqshoah* da Universidade de São Paulo (USP).



Diz-se que os arquivos são o alimento de nossa memória. Como tudo o que de uma forma ou outra nos alimenta, inclusive a alma, podemos, de certa forma, afirmar que são organismos vivos. Como tal, eles mesmos precisam ser alimentados, cuidados e também inter-relacionar-se, “conversar” com outros arquivos. De tempos em tempos, alguns morrem de inanição ou por abandono. Com eles, vai-se uma parte de nossa identidade humana. Mas há também os que nascem, às vezes, a partir da herança deixada pelos que se foram, às vezes, pelas mãos de algum pesquisador que, resgatando fragmentos, ou documentos até então inexplorados, traz à luz novos aspectos da história com os quais devemos, como sociedade, dialogar. Entre estes, encontra-se o Arquivo sobre o Holocausto e o Antissemitismo, Arqshoah.

Criado em 2006 pela historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro, e até hoje sob sua coordenação, o Arqshoah teve como ponto de partida cerca de 14.000 documentos que ela coletou em arquivos nacionais e estrangeiros, entre 1982 e 1985, durante pesquisas sobre o antissemitismo nos governos Vargas e Dutra.¹ A análise que Tucci Carneiro realizou dos documentos diplomáticos selecionados do Arquivo Histórico do Itamaraty/RJ constituía, nas palavras de Alberto Dines, uma “devassa [...] na mentalidade dominante na elite brasileira dos anos 30”² ao expor a postura do governo do país diante da perseguição aos judeus empreendida pela Alemanha entre 1933 e 1945. Mas o Arqshoah não se deteve na guarda e digitalização desses documentos do Itamaraty, principal *corpus* documental que dá sustentação a essa historiografia.

Em 17 de outubro de 2009, foi lançado o portal Arqshoah (www.arqshoah.com) que, além de disponibilizar em formato digital os documentos que haviam dado origem ao projeto, foi incorporando novos objetivos, entre eles o de transformar-se em um acervo inédito de testemunhos de refugiados do nazifascismo radicados no Brasil e de sobreviventes de campos de concentração. Para tal fim, o Arqshoah implantou um núcleo de História Oral coordenado pela historiadora Rachel Mizrahi, dedicado a registrar as memórias dos protagonistas perseguidos pela política genocida da Alemanha e pelos colaboracionistas.

Nesse sentido, o Arqshoah constitui uma referência para todos aqueles que desejam aprofundar-se no conhecimento daquele momento histórico ou empreender ações educativas voltadas aos direitos humanos que tenham como base a História do Holocausto e do antissemitismo. Muitas dessas iniciativas têm sido conduzidas pelo próprio Arqshoah que, junto ao Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e

¹ Pesquisa realizada durante a elaboração da tese de doutorado da professora Tucci Carneiro em 1988 e que deu origem a *O anti-semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*, editora Brasiliense, em 1988, hoje na 3ª. edição.

² DINES, 1988.



Discriminação (LEER-USP) e em parceria com instituições afins, constituem uma plataforma para ações orientadas à educação para a paz e a tolerância.

1 A memória do Holocausto: a essência do registro

Nos últimos anos, tem-se notado por intermédio de discursos e produções originadas na cultura popular uma forte tendência no sentido de diluir a memória do Holocausto. Não se trata de um processo pontual nem totalmente novo, mas expressa indícios de uma “ideologia do apagamento” ou “do silêncio”. Entendemos que as motivações não são únicas e variam de propostas bem-intencionadas que veem na universalização da história do Holocausto uma ferramenta de pedagogia da moral adaptável a todo e qualquer cenário – um antibiótico de amplo espectro – a tentativas de implementar ações revisionistas cuja finalidade é minimizar e até mesmo negar a dimensão da violência perpetrada por nazistas e colaboracionistas.³

Gravitando em torno a essas dinâmicas e, às vezes, incorporando-se a elas, está um velho fenômeno que continua apresentando contundentes provas de imortalidade e uma poderosa capacidade de regeneração, por não dizer de rejuvenescimento: o antissemitismo. Todos juntos, e principalmente esse último, têm contribuído para o desenvolvimento de um fenômeno denominado “fagocitose”⁴ da história do Holocausto.⁵

Mas voltemos algumas décadas no tempo. Desde que o mundo começou a tomar consciência da dimensão do extermínio praticado contra os judeus e outras minorias étnicas e políticas pela Alemanha nazista, o Holocausto, podemos dizer, simbolizou um “objeto estranho” no corpo antissemita. No início, a reação das “células” foi lenta e localizada, afinal mais da metade da população judaica europeia havia sido exterminada, os perpetradores haviam sido vencidos e não havia muito espaço, ao menos nos primeiros anos após a Segunda Guerra, para a retomada imediata de teorias conspiratórias assentadas em visões de um mundo supostamente “controlado” pelos judeus.⁶

Entretanto, desde a década de 1960, estudiosos preocupados com os silêncios impostos pela história oficial ou por interesses pontuais de alguns grupos políticos começaram a identificar reações mais explícitas contra a memória do Holocausto.

³ Como exemplo, podemos citar as teorias do “duplo genocídio” presentes principalmente em países do leste europeu ou as referências ao Holocausto como uma mera ocorrência durante a Segunda Guerra Mundial. KATZ, 2011.

⁴ A fagocitose, termo emprestado da biologia, é um mecanismo pelo qual a célula engolfa objetos “estranhos” – restos de células, por exemplo – seja para destruí-los, para alimentar-se deles ou até mesmo neutralizá-los de forma a torná-los inofensivos.

⁵ COLFFIELD, 2016.

⁶ Hoje esse argumento, base do antissemitismo moderno, transparece novamente com força na mentalidade coletiva e encontra terreno fértil nas mídias digitais.



Peter Schönbach, da Escola de Frankfurt, por exemplo, chegou a cunhar o termo *antisemitismo secundário*, ou seja, “a recusa ou rejeição da rememoração do crime sem precedentes cometido pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial”.⁷ A materialização extrema desse fenômeno é a pseudotese de que o Holocausto nunca existiu, conhecida pelo nome de negacionismo.

No processo de construção do discurso negacionista, constata-se que, para seus cultores, o Holocausto representaria mais uma das “artimanhas” criadas pelos “Sábios de Sião” e, portanto, não pertenceria ao universo da narrativa histórica. Para o antissionista, por sua vez, o evento também não se encaixa em sua visão de mundo; embora não negue o evento, esse último constrói seu discurso utilizando tropos e figuras de linguagem de forma reversa, recicla relatos, nomeia novas vítimas e novos carrascos, ou retoma-os em papéis invertidos. Ambos recursos promovem uma “ginástica” materializada num processo de desmanche e anulação dos fatos; procura-se desvirtuar o Holocausto deturpando sua memória. Como consequência, surge uma coletânea de imposturas ideológicas que, somadas a tentativas de “descomplicar” a história do evento, acabam por banalizá-la.

Por outro lado, há as tentativas de normalização do passado ou a tendência, em alguns, a uma certa atração pela estética fascista; juntos, ou separadamente, esses fenômenos derivam em outro: a “editorialização da barbárie”,⁸ ou seja, a eliminação, transformação ou adaptação de fatos documentados relacionados ao Holocausto e à Segunda Guerra Mundial na busca por uma narrativa de “fácil digestão”. O resultado, porém, é a descaracterização da História. O preço a pagar em termos de instrumentalização e popularização do Holocausto é muito alto e pode, inclusive, esvaziá-lo de todo e qualquer conteúdo que convide à reflexão.

Sob este viés – da anulação, do silenciamento e da deturpação de fatos – é que a proposta de um registro permanente da memória desse evento singular na história da humanidade na voz de seus protagonistas, por meio de iniciativas como a do Arqshoah, torna-se essencial. Mas, por que continua sendo importante cultivar especificamente a memória do Holocausto? Afinal, pode perguntar o leitor, não se trata um evento histórico como outro qualquer? Procuramos, a seguir, responder essas perguntas.

Como anticlímax de um processo de quase exorcismo, o Holocausto, ironicamente, ocorreu em uma época em que se pensava que os ideais de liberdade, democracia e fraternidade haviam mitigado os impulsos bárbaros do ser humano e que estes últimos não seriam mais tolerados. No entanto, ao contrário, materializou-se como um período de brutalidade extrema em que alguns perpetraram, muitos colaboraram e uma grande parcela da população em geral observou passivamente como os judeus

⁷ Citado por HENI, 2008.

⁸ COLFFIELD, 2016, p. 13.



e toda a sua cultura eram transformados em objeto de um projeto que visava eliminá-los da face da Terra. Certamente, houve indivíduos e grupos que tentaram, de alguma forma, fazer frente à barbárie, mas viram-se em grande parte superados pela indiferença ou pela força. Uma vez consumado o projeto genocida, quando se abriram as portas dos campos de concentração e extermínio, percebeu-se que havia algo muito sério a ser observado sobre a condição humana. O Holocausto passou a ser, a partir de então, o evento emblemático – quase uma supraconsciência – da nossa mefistofélica faculdade de cavarmos sem descanso nosso próprio abismo.

Para alguns indivíduos, essa consciência surgiu imediata e espontaneamente. Eram deles as vozes que se levantavam – embora caíssem em ouvidos surdos – enquanto o horror era perpetrado. A maioria, no entanto, precisou de certa ajuda já que o histórico da humanidade como espécie revela uma recorrente tendência a encobrir ou mascarar tudo o que lhe constrange ou desestrutura. Entretanto, qual foi o processo que catapultou o Holocausto a essa categoria de “supraconsciência” e que deu origem a todo um arcabouço linguístico, jurídico e pedagógico que desde então utilizamos para tentar prevenir os danos que, sabemos, somos capazes de infligir em nós mesmos?

Parte da resposta pode ser encontrada na mudança de paradigma que as próprias vítimas e sobreviventes do Holocausto imprimiram à abordagem de suas vivências e que tem contribuído extraordinariamente para a construção de um verdadeiro edifício de conhecimento humano sobre a catástrofe que se abateu sobre o povo judeu. Os anos sombrios do nazismo, nesse sentido, assim como a ação até hoje persistente dos revisionistas, negacionistas e antissionistas, não conseguiram – como queriam e ainda querem – apagar a memória desse genocídio. Tampouco puderam contar com o silêncio dos milhões de perseguidos que sobreviveram.

Os relatos do prenúncio da catástrofe, do durante e do depois, constituem um processo extraordinário de produção literária e oral, congruente com a milenar tradição judaica de responder às calamidades por intermédio da palavra. Ao mesmo tempo, são uma contribuição seminal a uma historiografia criada como forma de renascimento por uma comunidade em luto⁹ e a uma nova forma de ver o indivíduo dentro da História. Como povo, essa produção traduz-se numa epopeia, talvez com um único paralelo encontrado no mais influente relato histórico legado pelos próprios judeus à humanidade: a Bíblia hebraica.

Nesse sentido, se como afirmam Amos Oz e Fania Oz-Salzberger em *Os judeus e as palavras*,¹⁰ “a genealogia nacional e cultural dos judeus sempre dependeu da transmissão intergeracional de conteúdo verbal”, constituindo uma “linhagem não

⁹ Conforme o conceito de “community of mourning” desenvolvido por Jay Winter em *Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*.

¹⁰ OZ; OZ-SALZBERGER, 2015, p. 9.



de sangue, mas de texto”, poderíamos também dizer que a clareza dos relatos das vítimas do Holocausto – por meio dos diários e outros escritos – e o acesso permitido pelos sobreviventes a suas histórias – por meio dos testemunhos – abriram-nos a possibilidade de que sejamos parte dessa linhagem, assim como de seu legado ético e jurídico, representado, entre outros, pelos conceitos de genocídio e de crime contra a humanidade e, talvez o mais eminente, a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, firmada em 1948.

Assim, aos milhares de diários produzidos e mantidos ao longo daqueles anos cinzentos nos lugares mais insólitos¹¹ e por meio dos quais seus autores procuravam que, senão seus protagonistas, ao menos seus registros sobrevivessem à guerra, somaram-se projetos como o de David Boder que, imediatamente após a derrota da Alemanha, quando os sobreviventes ainda não haviam deixado o que se denominava “campos de deslocados”, registrou inúmeros testemunhos em áudio, nas mais diversas línguas. Nas décadas seguintes vieram as publicações de memórias, produções teatrais, trabalhos de ficção que resgataram o tema oferecendo o que o autor israelense Aharon Appelfeld designou “a narrativa interior”.¹²

No final da década de 1970, estudiosos como o crítico literário Geoffrey Hartman começaram a perceber o enorme potencial educativo dos testemunhos de sobreviventes do Holocausto e lançaram uma iniciativa que teve o apoio institucional da Yale University que resultou no *Arquivo Fortunoff*, hoje com um acervo de aproximadamente 4.000 registros em áudio e vídeo. Mais tarde, nos anos 1990, o cineasta americano Steven Spielberg, após sua experiência como diretor do filme *A Lista de Schindler*, deu início à *USC Shoah Foundation*, maior arquivo de história oral do mundo com mais de 50.000 testemunhos coletados em mais de 60 países. Ao longo das décadas, o legado que as vítimas e os sobreviventes nos transmitiram começou a materializar-se também em monumentos de pedra na forma de museus e memoriais erguidos ao redor do mundo e sustentados por conteúdos informativos e educativos que têm ensejado um constante e poderoso pensar e repensar sobre nossa própria natureza e condição.

Como nova forma de ver o indivíduo dentro da História, tal como afirmamos anteriormente, a inovação metodológica iniciada a partir dos escritos e testemunhos de vítimas e sobreviventes do Holocausto, é sem dúvida dotada de uma poderosa força epistemológica no que diz respeito a ações em prol de uma educação sobre os

¹¹ Como exemplo cito, entre outros, os diários e documentos de Ringelblum encontrados em latas de leite nas ruínas do Gueto de Varsóvia, ou os escritos produzidos por diaristas em Birkenau e enterrados próximo a um dos crematórios do campo.

¹² APPELFELD, 2004.



direitos humanos. Pode-se afirmar, ainda, que seu acervo literário e testemunhal rompeu definitivamente com o velho estigma anteriormente existente em relação ao falar abertamente sobre como é ser e viver em tais contextos. Isso de fato mudou. Mesmo depois do Holocausto, quando as sombras tornaram a visitar-nos em Darfur, Ruanda ou Bósnia-Herzegovina, milhares de vozes de pessoas que testemunharam esses eventos levantaram-se para registrar e alertar sobre as possibilidades, as escolhas e as limitações vivenciadas por pessoas comuns em momentos de calamidade. Eles também construíram seus arquivos-monumento, hoje disponíveis publicamente como doação ao aprofundamento dos ensinamentos que seus testemunhos possibilitam.¹³

Em meio a todo esse processo, entretanto, apesar das idas e vindas, pode-se dizer que temos aprendido com a construção desses acervos de testemunhos: arquivos-relicário ou arquivos da memória, como definiu Tucci Carneiro em texto escrito em 2011.¹⁴ Em primeiro lugar, aprendemos a falar e também a ouvir, inclusive as pausas e os silêncios. Somos hoje menos transigentes em relação à violência e à injustiça, do que éramos há apenas algumas décadas. O processo educativo em relação aos direitos humanos ao qual fomos expostos imediatamente após a Segunda Guerra tem rendido frutos. Antes do Holocausto não havia sequer uma terminologia para os eventos que hoje conhecemos por genocídio. Temos tomado consciência, ao menos em boa parte do mundo, de que minorias devem ser protegidas, assim como crianças, idosos, mulheres. Uma parcela dessa conscientização estende-se inclusive aos esforços para proteger o ambiente e os animais. Os arquivos, como base dessa pirâmide, têm sido o sustentáculo desse empenho.

2 A história de uma vida narrada: o testemunho como laço

Foi na busca por unir-se ao esforço planetário de registrar as histórias de vida dos sobreviventes do Holocausto e as trajetórias de refúgio dos milhares de perseguidos pelo nazifascismo que o Arqshoah acrescentou a seu papel de guardião de um rico acervo documental, o desenvolvimento de projetos específicos. Um deles é o Projeto Vozes do Holocausto iniciado em 2015 e que tem como eixo central o registro das histórias de vida de homens e mulheres que encontraram refúgio no Brasil após terem suas vidas abruptamente alteradas pelas práticas persecutórias e genocidas dos regimes totalitários que se propagaram pela Europa a partir dos anos 1930. Esse acervo conta hoje com mais de duas centenas de entrevistas gravadas em áudio e vídeo. São testemunhos ricos em conteúdo que, além de seu valor intrínseco,

¹³ Hoje a *Shoah Foundation* guarda também testemunhos de outros crimes contra a humanidade como o genocídio armênio (1915-1923), o massacre de Nanjing (1937), o genocídio contra a etnia tutsi em Ruanda (1994) e o genocídio da Guatemala (1978-1996).

¹⁴ CARNEIRO, 2011, p. 327-340.



constituem também uma parte importante da própria história do Brasil e um olhar sobre a forma como o país se posicionou diante daquele flagelo.¹⁵

Mas, como organismos vivos – tal como os caracterizamos no início deste artigo –, os arquivos não somente alimentam. Eles também convidam os envolvidos a trilharem por novos e surpreendentes caminhos. No caso da experiência do Arqshoah, a cada entrevista, a equipe se depara com um universo particular feito não somente de relatos, mas também de preciosos acervos familiares, muitas vezes, mantidos em pequenas caixas no fundo de um armário e que constituem tesouros compostos de documentos pessoais, registros fotográficos, desenhos infantis.

Esses acervos pessoais corroboram o brutal processo de exclusão ao qual foram submetidos os judeus europeus durante os anos do nazifascismo, já que além de fotografias e correspondências, também são compostos de artefatos como as estrelas-de-Davi amarelas que eram obrigados a usar como mais uma das tantas medidas de segregação e “controle” dos judeus ou ainda, os passaportes com um “J” vermelho estampado na capa para indicar a identidade do portador e restringir sua entrada em países vizinhos. Enfim, provas materiais das violentas e indelévels marcas infligidas aos judeus pelo nazismo e que contêm uma trajetória intrínseca, que é também biográfica¹⁶ e parte viva de cada testemunho narrado.

Assim, a cada testemunho, surgem ocasiões em que o protagonista apresenta aos entrevistadores os objetos dessa cultura material carregada de significado, suportes físicos de informação histórica.¹⁷ Nesses momentos, a equipe de iconografia do Arqshoah produz dezenas de imagens em formato digital que se prestam como um aporte fundamental à arqueologia daquele momento histórico, cujo valor cognitivo, possibilita aos estudiosos do tema e educadores o acesso a informações até então condenadas ao esquecimento.

¹⁵ Esses testemunhos integram a coleção *Vozes do Holocausto*. Ver: CARNEIRO; MIZRAHI, 2017.

¹⁶ MENESES, 1998, p. 89-104.

¹⁷ MENESES, 1998, p. 89-104.



Fig. 1. Estrela-de-Davi usada durante os anos de ocupação nazista na Bélgica. Iconografia Arqshoah. Testemunho de André Daniel Reisler. Acervo Arqshoah-LEER.



Fig. 2. “J” vermelho impresso no passaporte de Hans Bergmann; marca do estigma instituído pelas autoridades nazistas indicando a origem judaica do portador. À esquerda, o carimbo de entrada no Brasil em 17 de agosto de 1939. Acervo Arqshoah-LEER.

O Projeto Vozes do Holocausto não se limita, porém, aos registros. Procura também dar dinamismo às descobertas e ao próprio acervo digital do Arqshoah. Assim, por



intermédio de parcerias com instituições oficiais e comunitárias, desenvolve ações em prol de uma educação sobre os direitos humanos e também iniciativas de divulgação que contribuem a informar o público brasileiro e estrangeiro sobre as dimensões desse genocídio que envolveu a humanidade como um todo e que até hoje reverbera entre nós por meio dos sobreviventes e refugiados. Nesse sentido, integram também o processo: a produção de materiais didáticos voltados a estudantes; eventos voltados à preparação de professores; um canal no *YouTube* onde são divulgados vídeos das entrevistas registradas; a elaboração de um Boletim Informativo mensal; a publicação de coleções de livros que reúnem as histórias de vida dos protagonistas dos testemunhos registrados pela equipe de História Oral e as trajetórias de artistas, cientistas e intelectuais que se radicaram no país.

2.1 Histórias de justos

Ao ouvirmos as histórias dos sobreviventes do Holocausto revelam-se invariavelmente ao menos três elementos: a face mais sinistra do mal, a face mais sinistra da passividade, mas também a face mais brilhante da pessoa humana personificada no exemplo daqueles que, diante do horror e do antissemitismo institucionalizados, perceberam os perigos da indiferença e da omissão.

Esse último elemento da tríade merece também destaque no Arqshoah que, por meio de suas ações, homenageia os homens e mulheres que arriscaram sua integridade física, financeira ou familiar para ajudar amigos, colegas ou vizinhos, chefes ou funcionários e, inúmeras vezes, completos desconhecidos que em comum tinham a falta de saídas e que, de não contar com ajuda, teriam a morte como destino certo. Trata-se de personagens que, sensíveis à extrema gravidade, buscaram intervir com as ferramentas de que dispunham, para salvar a vida de alguém. Detalhes singulares tais como repartir alimentos, abrir uma porta para possibilitar a fuga, abrigar alguém na própria casa, ou conceder um visto à revelia das autoridades do próprio país, ganham significado nas narrativas. De pessoas simples a diplomatas de carreira, esses heróis foram muito além dos limites conseguindo devolver a milhares de pessoas o direito à vida.

Nesse sentido, os esforços do Arqshoah concentram-se também em identificar alguns desses justos e salvadores, dentre os quais se já encontram os reconhecidos Luiz Martins de Souza Dantas e Aracy Moebius de Carvalho. Outros permanecem anônimos da historiografia e ainda não fazem parte dos arquivos dos memoriais; porém, sempre que identificados, vão sendo permanentemente incluídos no elenco dos salvadores.



Fig. 3. Documento de reconhecimento a Hendricus e Elisabeth Melis pela ajuda outorgada à família Goudsmit perseguida durante a ocupação da Holanda pela Alemanha. Acervo Arqshoah-LEER.

2.2 Cultura no exílio

No tratamento das histórias registradas pela equipe do Arqshoah, há um grupo de pessoas cujas trajetórias requerem um tratamento particularizado: são os intelectuais, artistas e cientistas refugiados no Brasil, para quem o país significou a etapa final de uma longa travessia ou foi passagem para outros destinos. A diferenciação baseia-se em questões metodológicas fruto da impossibilidade de registrar diretamente seus testemunhos uma vez que já são todos falecidos, muitos há décadas. O trabalho de reescrever suas trajetórias exige, portanto, o recurso a elementos que permitam retratar suas vidas, entretê-las com suas obras e posicioná-las no contexto da cultura política brasileira buscando estabelecer de que maneira se deu a simbiose com uma outra realidade distante do ponto propulsor da fuga. Outro aspecto consiste em aproximar-se a questões tais como os limites do papel da intelectualidade no momento em que um poder totalitário assume o comando. Muitos desses exilados e refugiados eram figuras públicas reconhecidas quando da ascensão do fascismo e do nazismo em seus países, os quais, de um momento a outro, foram transformados em alvo e perseguidos, muitas vezes até o limite de se verem forçados a uma emigração improvisada, sem recursos, e compelidos a abandonar literal e repentinamente tudo e a todos.



Em meio a esse grupo estavam intelectuais, artistas e cientistas de origem judaica para quem, à medida que o nazismo avançava pelos países vizinhos da Alemanha e o fascismo italiano adotava as leis raciais de seu parceiro do Eixo, ficava evidente que o alvo não eram somente suas ideias, mas sim sua própria existência física. O continente europeu apresentava-se como uma armadilha e seu ordálio era, portanto, duplo: enquanto representantes de uma elite cultural que o regime considerava “degenerada” e enquanto judeus.

Por intermédio de um extenso trabalho de pesquisa que inclui a consulta e parcerias com renomados arquivos no Brasil e no exterior, o Arqshoah, de acordo com metodologia e técnica proposta pela coordenadora Tucci Carneiro, dedica-se a reconstituir essas histórias contextualizadas no tempo e no espaço: desde as origens nos respectivos países, incluindo as raízes judaicas, passando pelas influências acadêmicas e culturais, a persistência de valores e uma particular atenção à ruptura provocada pela ascensão do nazismo ou do fascismo que culminou com a emigração forçada. A travessia e o exílio brasileiro se converteram, para alguns, em períodos de transição; para outros, despontou como opção a permanência. No caso do escritor austríaco Stefan Zweig, a jornada concluiu em um trágico desfecho quando, em fevereiro de 1942, ele e a esposa Lotte tiraram a própria vida.

Desse trabalho resulta um elenco de novos documentos, alguns inéditos, que ajudam a esclarecer pontos até então desconhecidos sobre as vidas dessas personalidades, além de lançar novas luzes sobre suas experiências de perseguição, violência e refúgio. Cada pesquisa resulta em novos conhecimentos que continuamente nos ajudam a redimensionar as fronteiras físicas e psicológicas impostas pelas políticas de exclusão em tempos de totalitarismo e autoritarismo.



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL MÓDELO S.C. 139
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 23429

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pôrto de destino

Nome por extenso Stefan Zweig
Admitido em território nacional em caráter Permanente (temporário ou permanente)
Nos termos do art. 24-30 letra -- do dec. n. 3.010-20-8 de 1938
Lugar e data de nascimento Viena 28 / 11 / 1881
Nacionalidade britânica Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Konz e Ida Zweig
Profissão escritor
Residência no país de origem Bolivar 160, nesta

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS {
SÉLC CON

Passaporte n. 342995 expedido pelas autoridades de Foreign Office, Londres na data 1-4-1940
visado sob n. 4525

ASSINATURA DO PORTADOR: Stefan Zweig

Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires de 5 NOV. 1940 de 19 PELO CONSUL GERAL

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida á máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Fig. 4. Ficha Consular de Qualificação de Stefan Zweig emitida pelo Consulado Geral do Brasil em Buenos Aires, 5 de novembro de 1940. Arquivo Nacional/RJ. Trajetória de Stefan Zweig. Acervo Arqshoah-LEER-USP.

Considerações finais

O acesso a documentos e materiais relacionados a instâncias de violência contra a pessoa humana constitui um direito à verdade. Nesse sentido, os arquivos e os profissionais envolvidos na pesquisa e preservação de documentos são vitais para reposicionar esses momentos e principalmente seus protagonistas no devido patamar na memória histórica e na luta contra as injustiças. Ao colocarmos essa memória a serviço da divulgação e da educação, temos como resultado um instrumento essencial, capaz de intervir em prol da conscientização sobre os deveres do ser humano na construção de um mundo em que, como afirmou o psiquiatra Viktor Frankl – ele mesmo sobrevivente dos campos de concentração – a liberdade “seja vivida em termos de responsabilidade”.¹⁸

Certamente não podemos iludir-nos. Milênios de discussões e ensinamentos filosóficos e religiosos não impediram que atos de injustiça extrema fossem perpetrados por estados, grupos ou indivíduos ao longo da História. A tendência a visitarmos periodicamente as sombras parece ser parte intrínseca da natureza humana, embora também o seja a tendência a refletir sobre erros cometidos. Até os anos 1930 não era possível imaginar que um evento como o Holocausto pudesse acontecer; no início dos anos 1940 a maioria não acreditava que ele estivesse, de fato, acontecendo. Porém, uma vez que o mal que, naquele momento, se havia apoderado de boa parte da Europa foi derrotado, um olhar para o que restou debaixo dos

¹⁸ FRANKL, 1992, p. 134.



escombros revelou não somente o que havia sido feito, mas também o que se permitiu que fosse feito. É principalmente sobre esse último aspecto, ou seja, o das consequências de fecharmos os olhos às injustiças, que os educadores dedicados ao tema devem estar atentos.

Porém, a humanidade não caminha a passos de gigante; tampouco em linha reta para um futuro de respeito mútuo. Em certos momentos, mesmo quando parece que avançamos, corremos o risco de fazê-lo em direção à autodestruição. Na verdade, não há garantias. Nada impede o ressurgimento da barbárie, exceto nós mesmos. Novos cenários históricos se estabelecem, novos fantasmas aparecem, novos embates e desafios surgem. Além disso, novas gerações nascem: cabe a nós mostrarmos a elas e reaprendermos com elas as lições do passado num exercício permanente de memória.

O registro e a preservação do acervo documental dos sobreviventes do Holocausto no Brasil, hoje espinha dorsal do trabalho do Arqshoah, tem demonstrado que o resultado das histórias de vida de seus protagonistas dependeu de escolhas, tanto próprias quanto de outros atores, muitas vezes não diretamente envolvidos no processo, mas que tomaram para si a responsabilidade de agir. Esses últimos, porém, não foram maioria, ao contrário. O Holocausto não foi somente o ápice do mal; foi também o ápice da cegueira, do descaso e, fundamentalmente, da irresponsabilidade, palavra tomada na origem etimológica dos verbos em latim *sponsare*, comprometer-se com o outro, e *respondere*, responder, oferecer uma resposta. A atitude da maior parte daqueles que, não sendo alvo de perseguições, observaram o genocídio desenrolar-se diante de seus olhos e “nada viram” – ou nada quiseram ver – oscilou, portanto, entre essas duas ausências: a do compromisso e a da resposta.

Sigmund Freud, também forçado a partir para o exílio após a anexação da Áustria pela Alemanha, identificou o educar como uma das três profissões impossíveis, juntamente com o governar e o curar.¹⁹ Porém, não devemos ler essa caracterização como um “não poder fazer” e sim, como a ausência de uma linha de chegada. Como acontece com qualquer utopia ou horizonte, a educação nos foge constantemente. Ao avançarmos, ela retrocede, processo que se repete *ad infinitum*, mas que, justamente por isso, obriga a que continuemos navegando. E essa é a pauta do *Arqshoah*.

Referências

APPELFELD, Aharon. *The Story of a Life*. New York: Schocken Books, 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

¹⁹ Prefácio de Sigmund Freud à obra de August Aichhorn, *Verwahrloste Jugend* (Juventude Determinada), 1925.



CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Cidadão do mundo: O Brasil diante do Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Arquivos-relicários: múltiplas narrativas para a construção da história e da memória. In: MIRANDA, Wander M.; SOUZA, Eneida M. de. (Org.). *Crítica e coleção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 327-340.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; MIZRAHI, Rachel. *Histórias de vida dos refugiados e sobreviventes da Shoah*. Brasil, 1933-2017. São Paulo: Maayanot, 2017.

COLFFIELD, Carol. *O Holocausto nos livros didáticos brasileiros: realidades e alternativas*. 2016. 270 f. Dissertação (Mestrado em Letras Orientais: Estudos Judaicos) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016: Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-14032017-153927/pt-br.php>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

DINES, Alberto. Apresentação. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FRANKL, Viktor E. *Man's Search for Meaning*. Boston: Beacon Press, 1992.

HENI, Clemens. Secondary Anti-Semitism: From Hard-Core to Soft-Core Denial of the Shoah. *Jerusalem Center for Public Affairs*. Jerusalem, 2 nov. 2008. Disponível em: <<http://jcpa.org/article/secondary-anti-semitism-from-hard-core-to-soft-core-denial-of-the-shoah/>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

KATZ, Dovid. Understanding Double Genocide. *JHC Centre News*, Jewish Holocaust Centre, Victoria, Australia, September 2011. Disponível em: <<http://defendinghistory.com/wp-content/uploads/2013/06/Dovid-Katz-on-Double-Genocide-20111.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2017.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view%20File/2067/1206>>. Acesso em: 16 set. 2017.

OZ, Amos; OZ-SALZBERGER, F. *Os judeus e as palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WINTER, Jay. *Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Recebido em: 23/09/2017.

Aprovado em: 09/10/2017.